



## PIONEIRISMO NA PSICANÁLISE BRASILEIRA: O LEGADO DE VIRGÍNIA LEONE BICUDO

*Brenna Rodrigues Damasceno Gandia<sup>1</sup>*

*Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil*

**Resumo:** O trabalho tem como objetivo analisar o legado de Virginia Leone Bicudo como pioneira na psicanálise brasileira e também compreender e refletir sobre as causas da invisibilidade da autora no contexto acadêmico e psicanalítico. Foi utilizada como método de pesquisa uma revisão bibliográfica de artigos científicos, capítulos de livros e vídeos da plataforma YouTube. A partir de então, discutiu-se o incompreensível silêncio por parte do movimento psicanalítico e da academia em relação à ela. A conclusão é a de que a trajetória de Virgínia Bicudo tem importância não apenas para a psicanálise, mas apontam para uma necessidade em visitar e incluir referências acadêmicas mais implicadas socialmente e historicamente, as quais contêm temas ligados às relações raciais, legitimando essas reflexões em um espaço de saber científico.

**Palavras-chave:** Virgínia Leone Bicudo; Psicanálise; História da Psicanálise; Relações Raciais. Racismo.

## PIONEERING IN BRAZILIAN PSYCHOANALYSIS: THE LEGACY OF VIRGINIA LEONE BICUDO

**Abstract:** The main objective of this work is to analyze the legacy of Virginia Leone Bicudo as a pioneer in Brazilian psychoanalysis and also to understand and reflect on the causes of the author's invisibility in the academic and psychoanalytic context. A bibliographic review of scientific articles, book chapters and videos from the YouTube platform was used as a research method. From then on, the incomprehensible silence on the part of the psychoanalytic movement and the academy in relation to it was discussed. The conclusion is that the trajectory of Virgínia Bicudo is important not only for psychoanalysis, but points to a need to revisit and include academic references that are more socially and historically involved, which contain themes related to racial relations, legitimizing these reflections in a space of scientific knowledge.

**Keywords:** Virgínia Leone Bicudo. Psychoanalysis. History of Psychoanalysis. Race Relations. Racism

---

<sup>1</sup> Psicóloga graduada pela Universidade de Fortaleza, UNIFOR. E-mail: [psibrenna@gmail.com](mailto:psibrenna@gmail.com) - ORCID: <http://orcid.org/0009-0006-0524-3302>



## PIONERISMO EN EL PSICOANÁLISIS BRASILEÑO: EL LEGADO DE VIRGÍNIA LEONE BICUDO

**Resumen:** El objetivo de este trabajo es analizar el legado de Virginia Leone Bicudo como pionera del psicoanálisis brasileño y también comprender y reflexionar sobre las causas de la invisibilidad de la autora en el contexto académico y psicoanalítico. Se utilizó como método de investigación una revisión bibliográfica de artículos científicos, capítulos de libros y videos de la plataforma YouTube. A partir de ahí, se discutió el incomprensible silencio por parte del movimiento psicoanalítico y de la academia científica con la psicoanalista. La conclusión es que la trayectoria de Virgínia Bicudo es importante no solo para el psicoanálisis, sino que apunta a la necesidad de revisar e incluir referencias académicas más social e históricamente involucradas, que contienen temas relacionados con las relaciones raciales, legitimando estas reflexiones en un espacio de el conocimiento científico..

**Palabras clave:** Virgínia Leone Bicudo. Psicoanálisis. Historia del Psicoanálisis. Relaciones Raciales. Racismo

## PIONNIER DANS LA PSYCHANALYSE BRÉSILIENNE: L'HÉRITAGE DE VIRGÍNIA LEONE BICUDO

**Résumé:**L'objectif de ce travail est d'analyser l'héritage de Virginia Leone Bicudo en tant que pionnière de la psychanalyse brésilienne et aussi de comprendre et de réfléchir sur les causes de l'invisibilité de l'auteur dans le contexte académique et psychanalytique. Une revue bibliographique d'articles scientifiques, de chapitres de livres et de vidéos de la plateforme YouTube a été utilisée comme méthode de recherche. Dès lors, le silence incompréhensible du mouvement psychanalytique et de l'académie à son égard a été discuté. La conclusion est que la trajectoire de Virgínia Bicudo est importante non seulement pour la psychanalyse, mais souligne la nécessité de revisiter et d'inclure des références académiques plus impliquées socialement et historiquement, qui contiennent des thèmes liés aux relations raciales, légitimant ces réflexions dans un espace de savoir scientifique.

**Mots clefs:** Virginia Leone Bicudo. Psychanalyse. Histoire de la psychanalyse. Relations inter-raciales. Racisme



## INTRODUÇÃO

A produção de intelectuais negros no meio acadêmico parece ser escassa. O corpo e a vida da população negra são, sim, objetos das manchetes de jornais, quando se fala sobre preconceito, racismo e violência. Já são conhecidos na história de nosso país relatos sobre a servidão da população negra diante da prática escravista dos colonizadores. Ainda nos dias atuais, reflexo dessas formas de opressão e exploração, está o racismo nas entranhas da nossa sociedade, nas falas, na cultura, de modo visível e invisível. Entendendo o racismo para além do preconceito contra o negro, pois trata-se de uma estratégia de dominação que estrutura a nação e cada um de nós e é pautada na presunção de que existem raças superiores e inferiores. (CFP, 2017, p. 10).

Não se pode acreditar que o Brasil sustente um discurso de igualdade e aponte para uma democracia racial. Sobre isso, Milena (2019) cita em seu artigo publicado pelo *Jornal de Todos os Brasis*, trechos de um discurso proferido pelo professor Doutor Kabengele Munanga (2004), antropólogo brasileiro-congolês e um dos principais estudiosos do tema racismo, o qual recebeu uma homenagem e, durante a ocasião, afirmou que:

Para muitos, o Brasil não é um país preconceituoso e racista, sendo as violências sofridas pelos negros e não brancos, em geral, apenas uma questão econômica ou de classe social, que nada tem a ver com os mitos de superioridades e de inferioridade racial. Nesse sentido, os negros, indígenas e outros, não brancos, são discriminados porque são pobres. Em outros termos, negros, brancos e pobres, negros e brancos da classe média, negros e brancos ricos (não sei quantos negros ricos tem nessa sociedade), não se discriminam entre si, tendo em vista que eles pertencem todos à mesma classe social. Uma bela mentira.

Percebe-se que a história do Brasil é estudada a partir do ponto de vista do colonizador. “Quem descobriu o Brasil?” é a pergunta que se faz nos livros da escola. E o outro lado? A História não contada e não celebrada de nossos antepassados afrodescendentes, tão perto e longe de nós ao mesmo tempo? Por que não se valoriza a produção de conhecimento de escritores e intelectuais negros, não como uma história a ser contada sobre esse personagem, mas sim como protagonista de um papel



sociopolítico e cultural? Se no espaço social e cultural há essa invisibilidade, o mesmo fato parece acontecer no meio acadêmico. Como comenta a socióloga Roberta Ribeiro da Silva em:

As academias brasileiras estão dentro do panorama de relação exploração-opressão [...], onde a experiência de vida da população negra é explorada nas pesquisas e pelos grupos de estudos douto universitários, porém são reputados enquanto subalternos, logo, despotencializados, desautorizados a uma fala e escrita canônica-acadêmica. E quando ousam fazê-lo, têm sua obra vituperada pela ciência branqueada (ou embranquecida?), e olvidada por seus pares, nas matrizes curriculares, ementas, citações e referências, numa contribuição direta para cristalização deste quadro. (SILVA, 2019, p. 66).

Ocupando esse local de protagonismo e pioneirismo, uma mulher negra socióloga e psicanalista, chamada Virgínia Leone Bicudo, produziu um trabalho acadêmico sobre as relações raciais em nosso país. Seu estudo tinha por nome, “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”, e foi publicado em 1945, cujo objetivo foi analisar o preconceito racial por meio da escuta e de um olhar interdisciplinar em sociologia e psicanálise.

A autora é pouco referenciada e seus textos não são lidos na universidade. Parece que caíram no esquecimento. Em entrevista, a psicanalista Isildinha Baptista Nogueira afirma que: Quando era estudante, nunca soube da Virgínia. Não há essa informação nas escolas de psicanálise, nem de psicologia, nem de psicologia social. Se você for a uma livraria, não vai encontrar os textos dela. (VELOSO, 2020).

Por conta disso, Virgínia Bicudo terá destaque no presente estudo devido à importância e contribuição de seu legado na psicanálise no Brasil. De acordo com relatos de sua história, encontrados em materiais disponíveis na revisão bibliográfica, a ela foi atribuído o pioneirismo no estudo sobre relações raciais no cenário brasileiro, abrindo “alas” e espaço para se pensar o racismo dentro da academia e também no espaço psicanalítico. Inclusive foi a primeira mulher na América Latina a deitar em um divã e ser analisada (HAUDENSCHILD, 2015; SILVA, 2012).

No momento da escrita deste artigo, com as manifestações contra o racismo e a evidência do movimento “Vidas Negras Importam” nos EUA, a mídia brasileira amplificou essa temática e um grupo de psicólogos e psicanalistas produziu vídeos na

plataforma YouTube. O Coletivo Psicologia e Ladinidades da Universidade de Brasília contemplou a trajetória de Virgínia Bicudo em um de seus vídeos.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o legado de Virgínia Bicudo como pioneira na psicanálise em território brasileiro. Buscando, também, compreender a questão da invisibilidade da autora nos contextos acadêmico e psicanalítico, assim, o conteúdo será organizado em seções: a primeira abordará brevemente a chegada da teoria psicanalítica em nosso país; a seguinte seção será destacada sua história de vida, os marcos principais em sua trajetória e suas contribuições teóricas e, por fim, será comentado acerca da intelectual na cena acadêmica e psicanalítica brasileira.

A escolha do tema foi motivada por reflexões tanto no campo universitário quanto pessoal sobre quem eram os autores referenciados nos textos durante a graduação em psicologia, bem como por não encontrar produções de intelectuais negros, principalmente psicanalistas. Portanto faz-se necessária a problematização da invisibilidade da psicanalista dentro da academia, possibilitando a esta geração conhecer o seu legado que abre espaço para reflexões tão pertinentes e para o enaltecimento de suas obras, celebrando seu nome como importante personagem da história da psicanálise no Brasil.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa qualitativa, que segundo Sabadini, Sampaio e Koller (2009, p. 133), que tem por base um conjunto de técnicas que descrevem significados. Remete a um exame interpretativo não numérico das observações, que objetiva a descoberta das explicações subjacentes e os modos de inter-relação. Outra definição é dada por Minayo e Sanches (1993, p. 244):

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas.

No início do trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que, para Gil (2008, p. 50), é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. E também indispensável nos estudos



históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários.

A partir daí foram organizadas fontes bibliográficas usadas como base teórica deste artigo, cujas referências fundamentais foram os seguintes autores: Sigmund Freud, Janaína Gomes, Djamila Ribeiro, Noemi Moritz Kon, Maria Lúcia da Silva, Cristiane Curi Abud e Kabengele Munanga. Além do acesso aos canais disponíveis no YouTube, intitulados: Psicologia e Ladinidades; Observatório do 3º Setor; Alexandria Conta e Cria; Canal da Beatriz Araújo; Acontece no IFCS e Rede Dandaras – Saúde da Mulher Negra, todos com as referências completas ao final deste artigo. O período de realização do artigo foi marcado pelo contexto da pandemia do vírus SARS Covid-19.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender o legado de Virgínia Leone Bicudo, é necessário percorrer sua trajetória, localizando-a no contexto histórico e sociocultural de seu tempo. Por isso o conteúdo será dividido em seções: a primeira abordará brevemente a chegada da teoria psicanalítica ao Brasil; a seguinte seção mencionará os principais fatos de sua história de vida e sua aproximação com a teoria freudiana e, por conseguinte, será comentado acerca da invisibilidade da intelectual na cena acadêmica e psicanalítica.

### A chegada da psicanálise ao Brasil

Inicialmente, as principais capitais onde a psicanálise difundiu-se, foram: Viena, Berlim, Budapeste e Londres, a partir de 1910 com a criação da *International Psychoanalytical Association* (IPA) (ABRÃO, 2001; SALIM, 2010). A América Latina e o Brasil não estavam nos planos da psicanálise no ano de 1910 para uma expansão. Freud, em cartas trocadas com médicos brasileiros interessados pela sua teoria, escrevia:

Quão notável, que no distante Brasil, nasça de repente um movimento psico-analítico pronto, assim como a deusa Atena surgiu da cabeça de Zeus, com divulgação em toda a sociedade e naturalmente também alguma oposição. Esta última não deve faltar. Alegro-me que o senhor reconheça a sua necessidade. É como na técnica analítica. Sem a superação de obstáculos, não existe sucesso. E



agora um pedido fundamental. É de grande importância para mim, que sua Sociedade logo se sinta em casa na Sociedade Internacional e que esta acompanhe o que ocorre no Brasil. (LAGO, 2011,s/p).

Semelhantemente aos outros países, a psicanálise entrou no Brasil devido ao interesse de médicos que, segundo Couto e Silva (2018), buscavam renovação de condutas da sociedade e explicações para o fenômeno das doenças mentais.

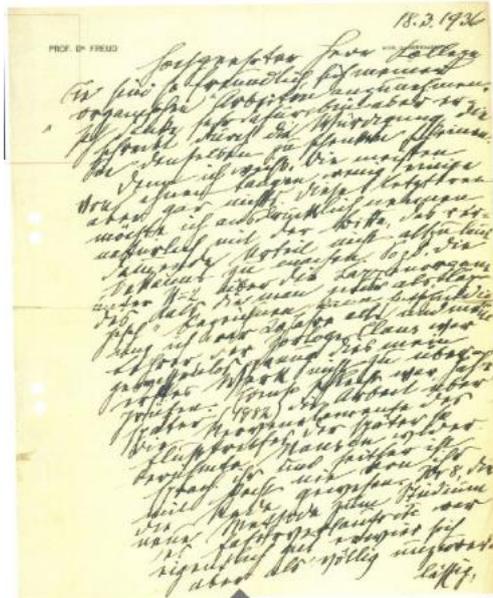
O Brasil pode se orgulhar e ter sido um dos primeiros países a citar Freud, numa época em que a psicanálise nem mesmo ainda se constituía. Em 1899, Juliano Moreira, um verdadeiro monumento da psiquiatria brasileira, referia-se às ideias de Freud no estado da Bahia. (DANZIATO, 2000, p. 49).

Conforme relatos da dissertação de Cintra Junior (2015), a primeira tese de doutorado da Faculdade de Medicina que contemplou temas relacionados a esse saber, foi a do médico cearense, Genserico de Souza Pinto, com o título: *Da Psychanalyse: a sexualidade das neuroses*, que atendeu quatro pacientes a partir do então chamado método psicanalítico.

Mas, para se legitimar psicanalista à época, seria necessário interpretar os fenômenos mentais a partir de questões sexuais. Couto e Silva (2018) relatam sobre a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental, em 1923, que tinha como projeto prevenir enfermidades mentais e posteriormente foi dado espaço para uma clínica psicanalítica. Ainda seguindo a pesquisa de Couto e Silva (2018), o nome do médico Durval Bellegarde Marcondes apareceu em destaque nos primórdios da psicanálise brasileira. Ele tornou-se um autodidata, pois até o ano de 1926 ainda não havia uma instituição que pudesse promover formação segundo os requisitos freudianos. Como narra Galvão (2012), trocou cartas com o próprio Freud, uma delas em ocasião de uma publicação de artigo e outra ao enviar um exemplar da primeira Revista Brasileira de Psicanálise, no ano de 1928.



**Figura 1 – Carta de Freud**



Fonte: Moretzsohn e Teperman (2014, p. 261).

Sagawa (1989) relata que o nome de Marcondes é tido como um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, a primeira a ser reconhecida pela IPA, inaugurando, assim, uma psicanálise mais institucionalizada com a vinda da Dra. Adelheid Koch, de Berlim, no ano de 1936. O contexto europeu era ameaçado pela ascensão do nazismo e isso a trouxe a terras brasileiras, possibilitando como condição a formação de analistas, seguindo as recomendações da IPA, ensinando a teoria freudiana, análise pessoal e também supervisão dos casos clínicos.

Assim, em 1937, após um curto período de aculturação com o idioma português, a Dra. Koch inicia suas atividades como analista didata habilitada pela IPA. Forma-se ao seu redor um primeiro grupo de analisandos composto pelos seguintes profissionais: Durval Marcondes, Flávio Dias, Darcy de Mendonça Uchoa e Virgínia Leone Bicudo. Excetuando-se esta última, que possuía formação de professores primária e educadora sanitária, os demais possuíam formação médica. (ABRÃO, 2001, p. 63).

Destacando a presença dessa única mulher na turma, comenta-se mais detalhadamente na próxima seção.



## Virgínia Leone Bicudo, a pioneira

Gomes (2013) revela que Virgínia nasceu no dia 21 de novembro de 1910. Filha de Giovanna Leone, uma imigrante italiana, e de Teófilo Julio, filho de uma escravizada. Sua mãe, Giovanna, trabalhou como criada na fazenda da família Bicudo, uma das mais importantes no estado de São Paulo. Seu pai Teófilo, também era empregado da fazenda e sua educação foi bancada pelo patrão e padrinho, Bento Bicudo, fazendeiro de café na região de Campinas. Após o casamento com Joana, antes chamada de Giovanna, mudou para um nome mais brasileiro, Teófilo adquiriu o sobrenome de seu patrão, Bicudo.

Moretzsohn (2013) informa que era um costume da época pós-abolição. A autora inclui que Teófilo era um pai dedicado e trabalhador dos Correios, com sonho frustrado de ser médico, impossibilitado não por sua capacidade, mas recusado por ser negro. Virgínia Leone Bicudo foi a segunda filha do casal e sobre a escolha de seus nomes é interessante ressaltar:

Que circulavam pelo mesmo espaço social, o da fazenda, exercendo papéis distintos (o escravo, o imigrante, o dono das terras). De certo modo, eles estão dispostos dentro de uma cadeia “evolutiva”: da escrava Virgínia ao cidadão Bicudo, tendo como elo aquele imigrante ainda estranho ao Brasil: o estranho Leone. Seu nome em casa sempre seria a referência à avó nunca conhecida. O último sobrenome, a um lugar social aspirado e de certo modo, alcançado. (GOMES, 2013, p. 48).

A menina de nome forte era estudiosa, aplicada e na rua era chamada por outras crianças de “negrinha, negrinha” (VELOSO, 2020), o que a fazia ficar mais tempo dentro de casa dedicando-se à leitura. Foi estimulada pelos pais para seguir estudando e isso está evidenciado em uma de suas falas: desde muito cedo, desenvolvi aptidões para evitar a rejeição. Você precisa tirar nota boa, ter bom comportamento e boa aplicação, para evitar ser prejudicada e dominada pela expectativa de rejeição, diziam meus pais. (MAUTNER, 2000). A própria Virgínia em uma entrevista declarou que ter nota boa, ser uma boa aluna é uma proteção para o negativo: negrinha é negativo, nota boa é positivo. Ser negrinha com nota boa. (TEPERMAN; KNOFF, 2011, p. 71).

Nota-se na fala de Virgínia Bicudo que esse significante “negrinha” foi atribuído a algo de ordem inferior, assim como em sua própria investigação de mestrado, quando



ela ouviu a população negra descrever as experiências vividas, como relatou: “As qualidades de “bom”, ou “bom-aluno”, “bem-educado”, estariam associadas ao branco, como qualidades a ele peculiares” (BICUDO, 1955, p. 240 *apud* SANTOS, 2018, p. 212).

As pesquisas mostram que esse também foi o contexto de vida da protagonista, marcado pela discriminação com seus antepassados e com ela mesma. Carregado não só no nome da avó escravizada, mas já sentindo as marcas em sua subjetividade, em seu interior e em sua pele. Quando cresceu, ocupou um lugar na sociedade paulista, foi educada em “colégio de granfina” (HAUDENSCHILD, 2015, p. 222) como contou em entrevista, aparecendo aqui Bicudo, o sobrenome elitizado que carregava.

Moretzsohn (2013) ressalta que, por volta de 1930, Virgínia recebeu o diploma para trabalhar no magistério no estado de São Paulo. Continuou seu caminho com a oportunidade de concluir também em 1932 o curso de Educadores Sanitários da Escola de Higiene e Saúde Pública de São Paulo. Foi nesse curso que conheceu a então futura parceira no campo da psicanálise, Lígia Amaral, também importante nome na história da psicanálise brasileira, como ilustra a Foto 1 a seguir.

**Foto 1 – Virgínia está à frente, de chapéu e lenço branco**



Fonte: Maio (2010, p. 342).

Ainda segundo relatos de Mautner (2000), em 1936, iniciou mais uma formação, esta, como ela mesma disse, buscou por compreender uma angústia e dores muito



profundas. Virgínia disse: Eu tinha sofrimento, tinha dor e queria saber o que causava tanto sofrimento. Eu colocava que eram condições exteriores. Então pensei que, estudando sociologia, iria me esclarecer. (TEPERMEN; KNOPF, 2011, p. 67). No curso também conviveu com Durval Marcondes, que à época era médico e, ao mesmo tempo, aluno, como visto na seção anterior. Ele foi, ainda, um dos nomes responsáveis pela institucionalização da psicanálise no Brasil e a pessoa que apresentou as teorias de Freud.

Em sua tese, Gomes (2013) menciona que, no ano de 1938, Virgínia Bicudo obteve o título de bacharel em Ciências Políticas e Sociais pela Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP). Foi a única mulher de sua turma e a única pessoa negra, conforme a Foto 2.

#### **Foto 2 – Formatura de Virgínia em 1938**



Fonte: Maio (2010, p. 348).

Cabe, aqui, destacar que sua presença nesse curso foi essencial, sendo única diante de uma turma de homens brancos e, mais, poder ouvir a história contada por ela, uma mulher negra. A foto também significa um registro do seu lado pioneiro, que a acompanhou no decorrer da sua vida.

Moretzsohn (2013) lembra que, na mesma escola, ela logo ingressou nos estudos para mestrado e ocupou o cargo de professora assistente de Psicanálise e Higiene Mental, convidada por Durval Marcondes. O ano de 1945 foi especial para ela, devido à publicação da sua dissertação na revista de Sociologia, com o título de “Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”, sob a orientação de Donald Pierson, famoso sociólogo americano da Universidade de Chicago. É de autoria de Virgínia a primeira dissertação de mestrado sobre a questão racial no Brasil – mais uma demonstração do seu pioneirismo. (TEPERMAN; KNOPF, 2011, p. 67).

Com o trabalho, Virgínia Bicudo abriu espaço para pensar as relações raciais dentro da academia, onde os negros não estão no lugar de objeto, e sim, a partir de um lugar de fala, conforme conceitua Ribeiro (2017) a qual esclarece que não é falar a partir de vivências, mas a partir de um lugar social. O Brasil vivia um momento de imaginário em relação a uma harmonia racial.

Esta concepção, que tinha por intuito estabelecer uma hierarquia das raças no Brasil, desvalorizando ainda mais a população negra, dominou o pensamento social por muito tempo no Brasil. Os determinismos biológicos, geográficos e culturais insistiam em classificar as raças em mais fortes e menos fortes. (SANTOS, 2018, p. 20).

Seu próprio orientador, Pierson, apresenta o país como um “caso negativo” de situação racial (GOMES, 2013, p. 68). Ainda de acordo com Gomes (2013), Virgínia refutou essas hipóteses e, por meio de uma pesquisa, buscou explorar e compreender como negros e mulatos criam consciência racial, entrevistou pessoas nas escolas e também ouviu o movimento social “Frente Negra”. Ela concluiu que havia o que chamou de preconceito de cor. E que mesmo quando diminuem as diferenças sociais, o preconceito de cor permanece (VELOSO, 2020).

Junto a esse trabalho, Gomes (2013) cita que ela participou do Projeto UNESCO, que teve como proposta pesquisar a situação racial na sociedade brasileira, resultando no artigo “Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas no ano 1955.”, A pesquisa de Bicudo trouxe como grande possibilidade a reflexão sobre como as diferenças raciais operavam nas diversas formas de socialização (SANTOS, 2018, p. 7). Ainda sobre outro marco de seu pioneirismo, ela trouxe os ambientes escolar e familiar para problematizar a situação racial. Sobre este



trabalho, que foi um diferencial nas pesquisas acadêmicas sobre o mito da democracia racial no Brasil, Musatti-Braga (2015) lembra que os trabalhos de Virgínia e outros intelectuais foram tratados como um anexo ao corpo principal da pesquisa. Corroborando, Gomes (2013, p. 125) afirma que, na edição de 1959, a pesquisa de Virgínia Bicudo havia sumido.

Os dois trabalhos foram os únicos que fizeram referência aos estudos raciais. Logo ela dedicou-se às pesquisas com temas relacionados à infância e à difusão da psicanálise no Brasil.

### **Virgínia Bicudo e a psicanálise**

Virgínia exerceu inúmeras profissões, como: educadora sanitária, visitadora psiquiátrica, supervisora das visitadoras, funcionária pública, professora, no entanto, foi como psicanalista que Virgínia Leone Bicudo ascendeu financeiramente e ficou conhecida. Tão famosa que tinha seu programa de rádio e sua coluna no jornal, ambos chamados de Nosso Mundo Mental (TEPERMEN; KNOFF 2011; MAIO, 2010; MORETZON, 2013).

Por intermédio deles, ela comentava, à luz da psicanálise, as narrativas que eram apresentadas em formato de radionovelas com artistas representando situações rotineiras, muito populares à época. Quem mais lhe mandava cartas eram os homens, pedindo para que ela explicasse certas situações domésticas. (GOMES, 2013, p. 63). Também foi possível divulgar a psicanálise de forma clara e acessível a todos. Lembrando que o rádio era a mídia de grande alcance naqueles tempos. Isso levou a psicanálise para esse início em terras brasileiras a um espaço fora do *setting* analítico, circulando nas ondas dos rádios e em páginas de jornal. Logo ganhou mais um título, o de escritora, pois Nosso Mundo Mental transformou-se em um livro. Sobre isso, Gomes (2013, p. 63) comenta que:

Seu programa de rádio, em formato de novela, era um meio de expandir o conhecimento sobre a psicanálise, mas também de uma determinada psicanálise, civilizatória, da qual não se pode extirpar um caráter político. Seja pela amplitude das pessoas que poderia alcançar através desse mecanismo, seja pela



possibilidade de servir como “guia” de uma moderna conduta familiar, sexual, social, centrada no indivíduo que emerge dessa nova ordem.

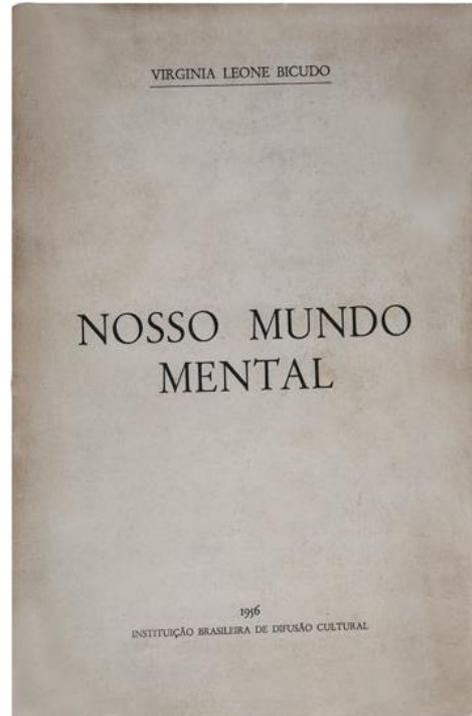
Nas Fotos 3 e 4, segue a ilustração de dois momentos, ela comunicando na rádio e a capa de seu livro.

**Foto 3 – Virgínia Bicudo em uma palestra**



Fonte: Andrade (2017)

**Foto 4 – Capa do livro Nosso Mundo Mental**



Fonte: Andrade (2017)

Sua aproximação com a psicanálise foi para compreender certas questões que na sociologia não encontrou resposta, questões de sofrimento e dor. E, ao ouvir falar sobre Freud pela primeira vez, sabia que era ali que encontraria esclarecimentos. Em depoimento ao Projeto Memória da Psicanálise, Virgínia revela: E estando no curso, eu estava no segundo ano, pela primeira vez em minha vida eu ouvi falar de Freud, em sublimação e fatores internos. Então eu disse bem, não é sociologia que eu tenho que estudar, eu tenho que estudar é psicanálise e Freud (GOMES, 2013, p. 49).

Essa aproximação deu-se em um momento quando as teorias freudianas ainda estavam chegando às terras brasileiras. Mas foi o Dr. Marcondes que apresentou a teoria de Freud à Virgínia e também a convidou para uma parceria como sua assistente no curso de Higiene Mental e Psicanálise na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP).



Abrão (2014) menciona que Virgínia Bicudo fez parte do primeiro grupo de psicanalistas em formação juntamente com a Dra. Koch e destacou-se mais uma vez, a única mulher e a única não médica. O contexto no qual estava inserida para a época, era, na maioria, frequentado por homens. As ideias da psicanálise eram consideradas como proibidas, havia certo pudor em pensar que uma mulher estaria falando sobre sexualidade naquele tempo, também fechada em uma sala conversando com um desconhecido. Além disso, certos médicos psiquiatras não aceitavam seus posicionamentos como uma psicanalista não médica. Virgínia confessou em depoimentos, o quão doloroso foi aquele tempo:

Eu estava sentada e era a hora da Higiene Mental apresentar. Eu estava sentada e os médicos, todos de pé, todos gritando: “Absurdo! Psicanalistas não médicos!” Foi horrível! Olha que eu quase me suicidei por isso. Você ouvir outras pessoas dizendo: “Você é charlatã!” Ser chamada de charlatã publicamente! Ah! Você não fica de pé! Você vai para casa e quer morrer. (MUSSATI-BRAGA, 2015, p. 74).

Segundo Abrão (2014), isso ocorreu no I Congresso Latino-americano em Saúde Mental de 1954, em São Paulo, não foi o único episódio humilhante pelo qual passou. Alguns panfletos eram distribuídos na porta de seu consultório com os dizeres: Se eres neurótico e queres se tornar psicótico, procura a doutora Virgínia Bicudo. Se trate com a doutora Virgínia Bicudo! (VELOSO, 2020).

Esses episódios, de fato, marcaram-na e, como relatam Tepermen e Knopf (2011), ela pediu licença de suas atividades, escreveu para Donald Winnicott, buscando uma oportunidade de completar sua formação na Sociedade Britânica de Psicanálise. Este momento de sua vida proporcionou a convivência com os analistas mais significativos da época: Melaine Klein, com novas e surpreendentes formulações psicanalíticas, Ernest Jones, Elliot Jaques, Clifford Rodrigué, Anna Freud, Rosenfeld, Betty Joseph, Wilfred Bion, Paula Heimann e Esther Bick (TEPPERMAN; KNOPF, 2011, p. 9).

A admiração por Klein foi expressa em cartas para o amigo Marcondes, em que comentava que foi recebida para um chá, e uma amizade especial manteve-se por muitos anos com Bion, comprovada em vários relatos históricos. Conforme Frausino (2020), Virgínia Bicudo completou sua formação na Sociedade Britânica de Psicanálise, na *Tavistock Institute* e *London Institute of Psychoanalysis*. Tepermen e Knopf (2011)



completam e dizem que ela conseguiu para além de seus rendimentos custear seus cursos em Londres por Assis Chateaubriand, então embaixador brasileiro na Inglaterra.

Ainda segundo Tepermen e Knopf (2011), Virgínia retornou ao Brasil no ano de 1959 e trouxe uma vasta bagagem de conhecimentos. Voltou para a clínica e, com muita energia, dedicou-se à difusão da psicanálise. Só vai se despedir do trabalho clínico no ano 2000. Morre em 2003, pouco antes de completar 93 anos de idade. (TEPERMEN; KNOPF, 2011, p. 11).

Em relato dado pela socióloga Janaina Gomes, na *live* do Congresso de Psicologia e Ladinidades da Universidade de Brasília (UnB), Virgínia foi psicanalista de vários políticos, à época, e também frequentou espaços na elite brasileira, sempre acompanhada de espírito de modernidade. Ela foi responsável pela fundação da Sociedade de Psicanálise de Brasília, conforme Abrão (2014), e teve artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, sempre implicada na temática social, da saúde mental e com destaque, também, para a psicanálise da infância.

Diante dos vários lugares que ocupou como precursora, um deles será destacado aqui, acreditando-se no significado simbólico, visto que uma mulher negra e filha de estrangeira e neta de uma escravizada foi a primeira pessoa no Brasil a ser analisada e a primeira a deitar em um divã. Em depoimento, ela declara:

Eu fui a primeira pessoa que usou o divã da Doutora Koch. Mas não é pra contar isso pros outros, viu? Os médicos não vão gostar. Estou fazendo brincadeira agora. Acontece que fui mesmo... A Doutora chegou, todo mundo com receio, com medo... E a Doutora: “Estou organizando aqui, quero ver quem quer...”. “Eu quero!” Eu sempre brinco que estreei o divã no Brasil. (MAIO, 2010, p. 350).

Tal fato leva a pensar sobre o porquê da omissão de um dado relevante dentro da história da psicanálise. Mais à frente será abordado este assunto.

### **Uma questão de esquecimento?**

Tamanho o legado dessa mulher com uma dedicação e empenho na difusão da psicanálise no Brasil, faz-se necessário pensar sobre a invisibilidade dentro dos



contextos acadêmico e psicanalítico. Virgínia Leone Bicudo não é referenciada nas bibliografias das grades curriculares e o acesso ao material da autora é difícil.

Como revela Silva (2011), a dissertação de Virgínia Bicudo permaneceu anos guardada e, somente em 2010, por celebração do ano de seu centenário, o professor Marcos Chor Maio a publicou. Como visto nas seções anteriores, Virgínia Bicudo inaugurou a discussão de relações raciais no meio acadêmico e teve uma ávida participação na institucionalização da psicanálise brasileira.

Com a recente discussão do movimento negro diante do caso George Floyd nos Estados Unidos da América, no período de quarentena da pandemia do vírus Covid-19, alguns psicólogos e psicanalistas foram debater em redes sociais sobre racismo, sexismo, preconceito e discriminação. O nome de Virgínia, de repente, foi citado e seus trabalhos e sua história puderam ser contados e recontados.

Questiona-se a razão de um acontecimento no estrangeiro para “dar luz” ao legado de Virgínia no contexto psicanalítico brasileiro. Vale ressaltar que o caso do menino João Pedro no estado do Rio de Janeiro ocorreu antes do episódio internacional. Por que só agora houve tanta repercussão em torno de sua trajetória e dos temas atrelados a sua pessoa?

Além dela, podem ser encontrados Neusa Santos, Franz Fanon, Lélia Gonzalez, Cida Bento, autores que promovem essa articulação da psicanálise com sofrimento psíquico e racismo, e ainda não fazem parte de uma bibliografia acadêmica.

No momento da escrita deste trabalho, o nome Virgínia Bicudo foi pesquisado na plataforma de vídeo YouTube, usando como filtro o ano de 2020. Encontram-se palestras virtuais ou *lives*, dentre elas: “Virgínia Bicudo e as atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo pelo coletivo psicologia e ladinidades”; “Você conhece? Ela foi a primeira não médica a ser reconhecida como psicanalista” por Observatório do 3º Setor; “Virgínia Bicudo por Alexandria conta e cria”; “Virgínia Bicudo por Beatriz Araújo”; “A construção do pensamento de Virgínia Leone Bicudo sobre relações raciais no Brasil”, pelo canal Acontece no IFCS; e “Introduzindo o pensamento de Virgínia Bicudo: nas reticências etc.”, por Rede Dandaras – Saúde da Mulher Negra. As que foram citadas levam o nome de Virgínia no título e discursam sobre sua trajetória.

No diretório do acervo da biblioteca da Universidade de Fortaleza, não há menção ao nome de Virgínia Leone Bicudo na pesquisa por descritores, como “psicanalistas negros”, “atitudes raciais” e seu próprio nome. Tampouco é presente na bibliografia do curso de Psicologia da universidade citada.

Kabengele Munanga (CIAMPA, 2000) revela que há pouca discussão acadêmica sobre um tema que diz respeito a milhões de brasileiros de ascendência africana. Em relação à psicanálise, menciona, entre as poucas contribuições, os autores Jurandir Freire Costa, Antônio da Costa Ciampa, Isildinha Baptista Nogueira e Monique Augras. (MUNANGA, 2004 *apud* MUSSATI-BRAGA, 2015, p. 65-66). Ele propõe uma articulação entre saberes para [...] estabelecer uma ponte com a ciência da Educação, auxiliando-a na construção de uma pedagogia transformadora das relações preconceituosas no âmbito da escola e da educação do cidadão brasileiro. (MUNANGA, 2004, p. 94).

Oliveira e Nascimento (2018) apontam que não há interesse em remodelar os currículos na formação do psicólogo para inserir, de fato, um enfoque histórico, social e político no que diz respeito às relações raciais. No ano de 2017, o Conselho Federal de Psicologia lançou um dispositivo para aproximar os psicólogos dessa discussão, chamado: Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogos/os (CFP, 2017). O nome de Virgínia Bicudo é mencionado nos agradecimentos do material, por sua contribuição teórica na história da psicologia.

Não se pode pensar que a psicanálise brasileira e também a sociologia não respeitam o seu legado, pois Virgínia deixou marcas importantes para as referidas áreas. Então a reavaliação do seu trabalho hoje não se trata de uma descoberta. Trata-se de um movimento em que não é mais possível ocultá-la. (GOMES, 2013, p. 151). Mas esse esquecimento por parte da comunidade acadêmica é incompreensível.

A invisibilidade em relação à figura de Virgínia Bicudo não diz respeito só ao silêncio frente ao seu protagonismo e, sim, também aos depoimentos. A voz daqueles que deram seus testemunhos... e assim, (quase) perdemos a chance de conhecer um material [...] e elaborações conceituais importantes. (MUSSATI-BRAGA, 2015, p. 71).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, a busca pela criação de uma sociedade psicanalítica em território brasileiro, seguindo as recomendações da IPA, dependeu do empenho de nomes como Durval Marcondes e da Dra. Adelheid Koch, uma analista judia que precisou de refúgio por causa do nazismo. Entre os analistas em formação da primeira turma da Sociedade Psicanalítica de São Paulo, esteve presente uma única mulher e a única sem formação em medicina, chamada Virgínia Bicudo, como ela mesma disse: “estреou” o divã no Brasil.

Sua determinação fez com que ela alcançasse muitos lugares. Como visitadora psiquiátrica, ela ia até a casa das pessoas e às escolas; como psicanalista, ela foi a primeira pessoa a deitar em um divã no Brasil e teve um programa de rádio muito popular, conhecido como Nosso Mundo Mental. Virgínia Bicudo também teve a oportunidade de estudar com Melanie Klein e ser amiga de Alfred Bion, quando viajou para estudar em Londres. Foi participante ativa da institucionalização da psicanálise em terras brasileiras, publicou trabalhos relevantes, mas dois deles, foram omitidos. Eles apresentavam, em comum, pesquisas da autora sobre as relações raciais. Somente anos depois isso veio a público e ainda assim a psicanalista até os dias atuais não tem a visibilidade que merece.

Este trabalho não buscou conhecer Virgínia Leone Bicudo. Ela já era conhecida. Mas não é referenciada no meio acadêmico e psicanalítico, uma vez que possui importantes contribuições teóricas para a história da psicanálise e também da sociologia. É dela a primeira dissertação de mestrado brasileira sobre relações raciais, a qual ouviu depoimentos de pessoas negras como ela, que confirmaram sofrer preconceito de cor. Histórias essas também que fizeram parte da sua vida, e o sofrimento a fez buscar amparo e explicações na sociologia e na psicanálise.

No início da pesquisa, houve dificuldade de acesso a materiais acadêmicos que fizessem referência a ela. Os seus livros não existem em livrarias físicas e virtuais. Na biblioteca da Universidade de Fortaleza, também não foi encontrado nenhum material. Apesar disso, foi possível acessar uma tese de doutorado e alguns artigos científicos na plataforma Scielo, que serviram de base para a pesquisa bibliográfica.



Com o avançar do tempo de pandemia, que ocorreu no momento da escrita deste trabalho, um coletivo de psicologia da Universidade de Brasília (UnB) disponibilizou uma *live* em que apresentou Virgínia e temas relacionados à sua trajetória, assim foi possível estudar, e constatar seus repletos pioneirismos e detalhes que não podem mais estar ocultos. Ao referenciar Virgínia Bicudo, também é importante mencionar Neusa Santos, Lélia Gonzalez, Isildinha Nogueira e tantas outras autoras negras que articulam questões relacionadas à psicanálise e ao racismo, uma temática pouco discutida.

A proposta do artigo foi abordar a relevância que há na história de vida de Virgínia e para que seu legado não seja silenciado. Abre-se aqui uma reflexão para a inclusão dos trabalhos de Virgínia Bicudo e das outras autoras nos currículos acadêmicos e contextos psicanalíticos. Autoras essas que vão além do círculo europeu. Aponta-se a necessidade em incluir referências acadêmicas mais implicadas socialmente e historicamente no que diz respeito ao tema das relações raciais, legitimando essas reflexões durante a formação no curso de graduação em Psicologia.

Nesta pesquisa, Virgínia Leone Bicudo foi celebrada como personagem importante para a transmissão e história da psicanálise em nosso país, bem como para dar visibilidade à sua contribuição como mulher, negra, psicanalista, socióloga, professora, pioneira em tantos aspectos, e que, portanto, merece ser ainda mais reconhecida e divulgada.

Espera-se abrir espaço para revisitar, rememorar e, principalmente, recordar sua contribuição e assim não repetir um esquecimento, um silêncio diante do seu legado. O silêncio fere, afasta, arde, corta, esmaga, oprime, desgasta, sangra, grita... grita... ai... silêncio, faz um barulho imenso! (KON; SILVA; ABUD, 2019, p. 179).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. *A história da psicanálise de crianças no Brasil*. São Paulo: Escuta, 2001.

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Virgínia Leone Bicudo: pioneira da psicologia e da psicanálise no Brasil. *Interação em Psicologia*, Curitiba, PR, v. 18, n. 2, p. 217-27, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-790903> Acesso em 30/07/2023.



ACONTECE NO IFCS. A construção do pensamento de Virgínia Leone Bicudo sobre relações raciais no Brasil. *Youtube*, 24 ago. 2020. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal Acontece no IFCS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ykaSR304xSM&feature=youtu.be>. Acesso em: 5/11/ 2020.

ALEXANDRIA CONTA E CRIA. Virgínia Bicudo. *Youtube*, 4 ago. 2020. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Alexandria Conta e Cria. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JaiKHbnUcEk&feature=youtu.be>. Acesso em: 5/11/ 2020.

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. A face feminina da psicanálise. *Pesquisa FAPESP*, ed. 254, abr. 2017. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-face-feminina-da-psicanalise/>. Acesso em: 5/11/ 2020.

BEATRIZ ARAÚJO. Virgínia Bicudo. *Youtube*, 7 jul. 2020. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Beatriz Araújo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2xHmSAE2f6U>. Acesso em: 5/11/ 2020.

.BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (org.). *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi: Unesco, 1955. p. 227-310.

BICUDO, Virgínia Leone. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010. 193 p. Edição organizada por Marcos Chor Maio.

CFP (Conselho Federal de Psicologia). *Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas/os*. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2017. 147 p. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/relacoes-raciais-referencias-tecnicas-para-pratica-dao-psicologao/>. Acesso em: 5/11/ 2020.

CIAMPA, Antonio da Costa. Qual é a explicação dessa ausência e desse silêncio (de nossa psicologia social) sobre um tema que toca a vida de mais de 60 milhões de brasileiros de ascendência africana. Entrevistado: Kabengele Munanga. *Psicologia & Sociedade*, v. 12, n. 1/2, p. 5-17, jan./dez. 2000.

CINTRA JUNIOR, Dorinaldo de Freitas. *A inserção da psicanálise em Fortaleza no início do século XX: circulação e apropriação da psicanálise pela medicina cearense em 1933*. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, 2015. Disponível em: <https://uol.unifor.br/oul/conteudosite/?cdConteudo=6611665>. Acesso em: 20/09/2020.

COUTO, Daniela Paula do; SILVA, Mardem Leandro. A psicanálise de crianças no Brasil: um relato histórico. *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, MG, v. 12, n. 3, p. 1-9, set./dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.24879/2018001200300515>

DANZIATO, Leonardo. *A fortaleza da psicanálise: a história da psicanálise em Fortaleza*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.



FRAUSINO, Carlos Cesar Marques. *Virgínia Leone Bicudo: um capítulo da história da psicanálise brasileira*. [S.l.]: Federação Psicanalítica da América Latina, [2020?]. Disponível em: <http://www.fepal.org/wp-content/uploads/2020/02/Fronteiras-Culturais-Frausino-Port.pdf> Acesso em: 4/11/ 2020.

GALVÃO, Luiz de Almeida Prado. Notas para a história da psicanálise em São Paulo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 65-76, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v46n2/v46n2a06.pdf>. Acesso em: 4/11/ 2020.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Janaína Damasceno. *Os segredos de Virgínia: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955)*. 2013. 166 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2013.

HAUDENSCHILD, Teresa Rocha Leite. Modernismo, mulher e psicanálise: Adelheid Koch, Virgínia Bicudo, Lygia Amaral e Judith Andreucci: pioneiras da psicanálise em São Paulo. *IDE*, São Paulo, v. 38, n. 60, p. 215-35, out. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v38n60/v38n60a18.pdf> Acesso em: 4/11/ 2020.

KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (org.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. 2. ed. [S.l.]: Perspectiva, 2019.

LAGO, Pedro Corrêa do. Freud descobre o Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 ago. 2011. Piauí. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/freud-descobre-o-brasil> Acesso em: 22/09/2020.

MAIO, Marcos Chor. Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 35, p. 309-55, jul./dez. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000200011>

MAUTNER, Anna Veronica. Fui buscar defesas para o íntimo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 out. 2000. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0610200018.htm> Acesso em: 4/11/ 2020.

MILENA, Lilian. Kabengele Munanga, o antropólogo que desmistificou a democracia racial no Brasil. *GGN: O Jornal de Todos os Brasis*, 15 maio 2019. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/politica/kabengele-munanga-o-antropologo-que-desmistificou-a-democracia-racial-no-brasil/> Acesso em: 4/11/ 2020.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-62, jul./set. 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9Hg4J9fJDb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 4/11/ 2020.



MORETZSOHN, Maria Ângela Gomes. Uma história brasileira. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 46, n. 85, p. 209-29, jun. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352013000200019&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352013000200019&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 4/11/ 2020.

MORETZSOHN, Maria Ângela Gomes; TEPERMAN, Maria Helena. Uma carta, uma história. *Jornal de Psicanálise*, v. 47, n. 87, p. 261-3, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v47n87/v47n87a17.pdf> Acesso em: 4/11/ 2020.

MUNANGA, Kabengele. Psicologia e racismo: uma autocrítica necessária I. In: SILVA, Marcus Vinícius de Oliveira (coord.). *Psicologia e direitos humanos: subjetividade e exclusão*. São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2004. p. 89-94.

MUSATTI-BRAGA, Ana Paula. *Os muitos nomes de Silvana: contribuições clínico-políticas da psicanálise sobre mulheres negras* São Paulo. 2015. 288 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2015.

OBSERVATÓRIO DO TERCEIRO SETOR. Você conhece? Ela foi a primeira não médica a ser reconhecida como psicanalista. *Youtube*, 8 nov. 2020. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Observatório do 3º Setor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TyIBL57SoiQ&feature=youtu.be>. Acesso em: 4/11/ 2020.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza; NASCIMENTO, Maria da Conceição. Racismo, saúde mental e território: desafios políticos e epistemológicos na clínica ampliada. *Revista da ABPN*, v. 10, n. 24, p. 3-15, nov. 2017/fev. 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/571/455> Acesso em: 4/11/ 2020.

PSICOLOGIA E LADINIDADES. Virgínia Bicudo e as atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. *Youtube*, 20 ago. 2020. 1 vídeo (2 horas). Publicado pelo canal Psicologia e Ladinidades. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=dX\\_U15sL814](https://www.youtube.com/watch?v=dX_U15sL814). Acesso em: 4/11/ 2020.

REDE DANDARAS – SAÚDE DA MULHER NEGRA. Introduzindo o pensamento de Virgínia Bicudo: nas reticências etc. *Youtube*, 8 ago. 2020. 1 vídeo (1 hora 36 min). Publicado pelo canal Rede Dandaras – Saúde da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sp6GL1ptZZ8&feature=youtu.be> Acesso em: 4/11/ 2020.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte, MG: Letramento, 2017.

SABADINI, Aparecida Angélica Zoqui Paulovic; SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso; KOLLER, Sílvia Helena. *Publicar em psicologia: um enfoque para a revista científica*. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009.

SAGAWA, Roberto Yutaka. *Os inconscientes do divã da história*. 1989. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Campinas, Campinas, 1989. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279054?mode=full>. Acesso em: 4/11/ 2020.



SALIM, Sebastião Abrão. A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais. *Mental*, Barcelona, v. 18, n. 14, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272010000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272010000100009) Acesso em: 4/11/ 2020.

SANTOS, Elisângela da Silva. O legado de Virgínia Leone Bicudo para a sociologia da infância no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, v. 48 n. 170, p. 1.194-217, out./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v48n170/1980-5314-cp-48-170-1194.pdf> Acesso em: 4/11/ 2020.

SILVA, Íuri Yrving Müller da. A história de uma pioneira da psicanálise brasileira: um estudo historiográfico sobre Virgínia Bicudo. *Paideia*, Ribeirão Preto, v. 22, n. 51, p. 141-2, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v22n51/16.pdf> Acesso em: 4/11/ 2020.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Reabilitando Virgínia Leone. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 435-45, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v26n2/v26n2a20.pdf>. Acesso em: 4/11/ 2020.

SILVA, Roberta Ribeiro da. *Mulheres negras, produção e interseccionalidade*. 2019. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2019.

TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOPF, Sonia. Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 65-77, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v44n80/v44n80a06.pdf> Acesso em: 4/11/ 2020.

VELOSO, Amanda Mont'Alvão. *Quem foi Virgínia Bicudo: mulher, negra e pioneira na psicanálise, mas invisível no Brasil*. São Paulo: Centro de Estudos Psicanalíticos, 2020. Disponível em: <https://centropsicanalise.com.br/2020/06/22/quem-foi-virginia-bicudo-mulher-negra-e-pioneira-na-psicanalise-mas-invisivel-no-brasil/>. Acesso em: 4/11/ 2020.

*Recebido em: 18/08/2023*

*Aprovado em: 19/09/2023*